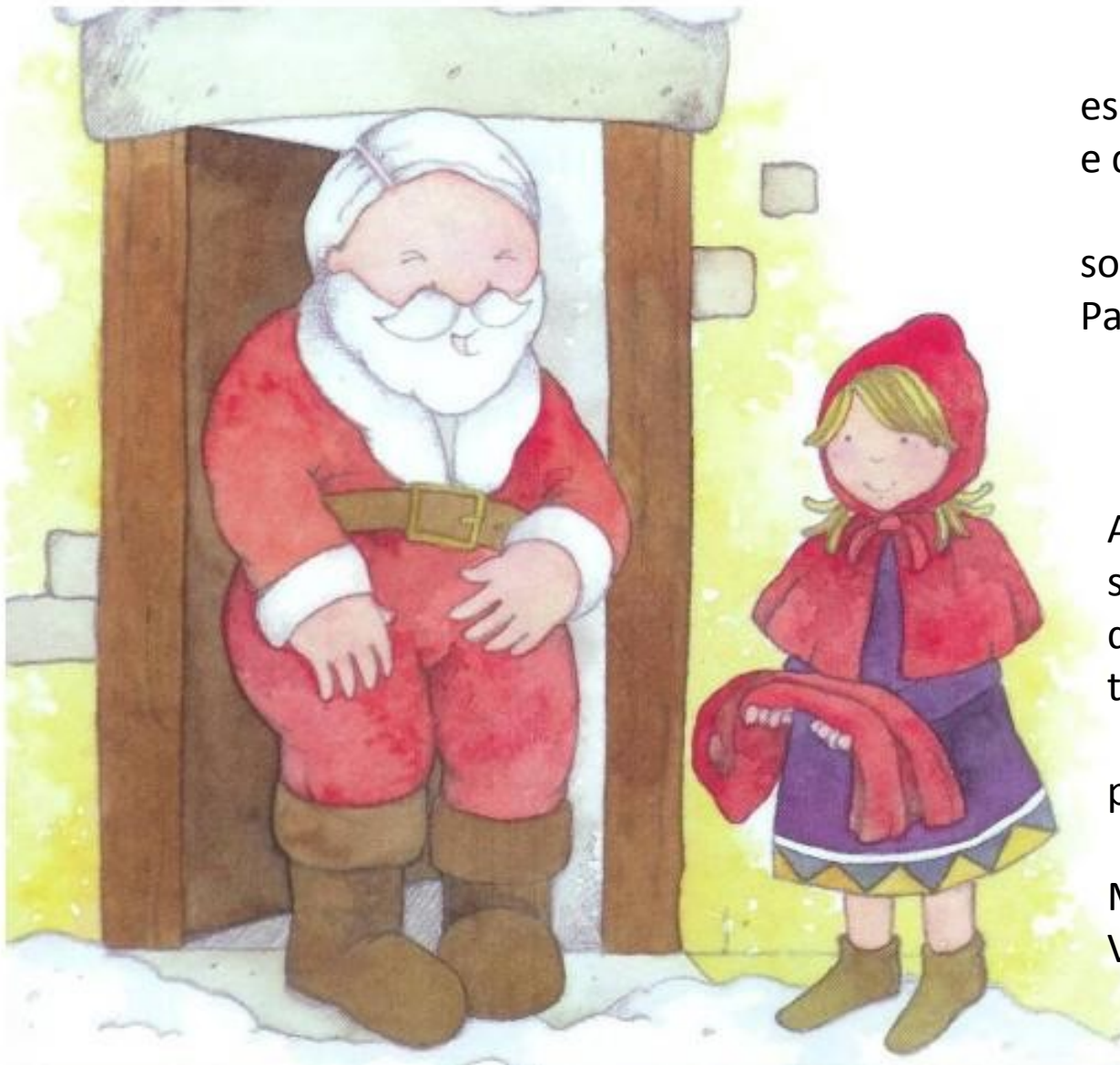
Ninguém dá prendas ao Pai Natal

Ana Saldanha

Por momentos, o Pai Natal só conseguia ver papéis de embrulho amarfanhados e laços coloridos que muitos pés, grandes e pequenos, de botifarras, sapatos de tacão, de atacadores e de pala, de pantufas e mesmo descalços, ou apenas com meias, calcavam sem reparar.

Estava na sua casa do Pólo Norte e seguia pela televisão a cerimónia do desembrulhar das prendas em todas as casas do mundo.

– Que pena que isto me dá! – desabafou, enquanto uma lagriminha pequena como uma pérola de fantasia, lhe deslizava pela face vermelhusca e se lhe ia dependurar da barba comprida.

Com a mão espalmada, esmagou a lágrima importuna e disse:

– Ai que infeliz que eu sou! Ninguém dá prendas ao Pai Natal!

Estava bem enganado. Ainda mal tinha acabado de soltar aquele queixume, quando se ouviu bater à porta: truz, truz, truz.

– Quem vem lá? – perguntou o Pai Natal.

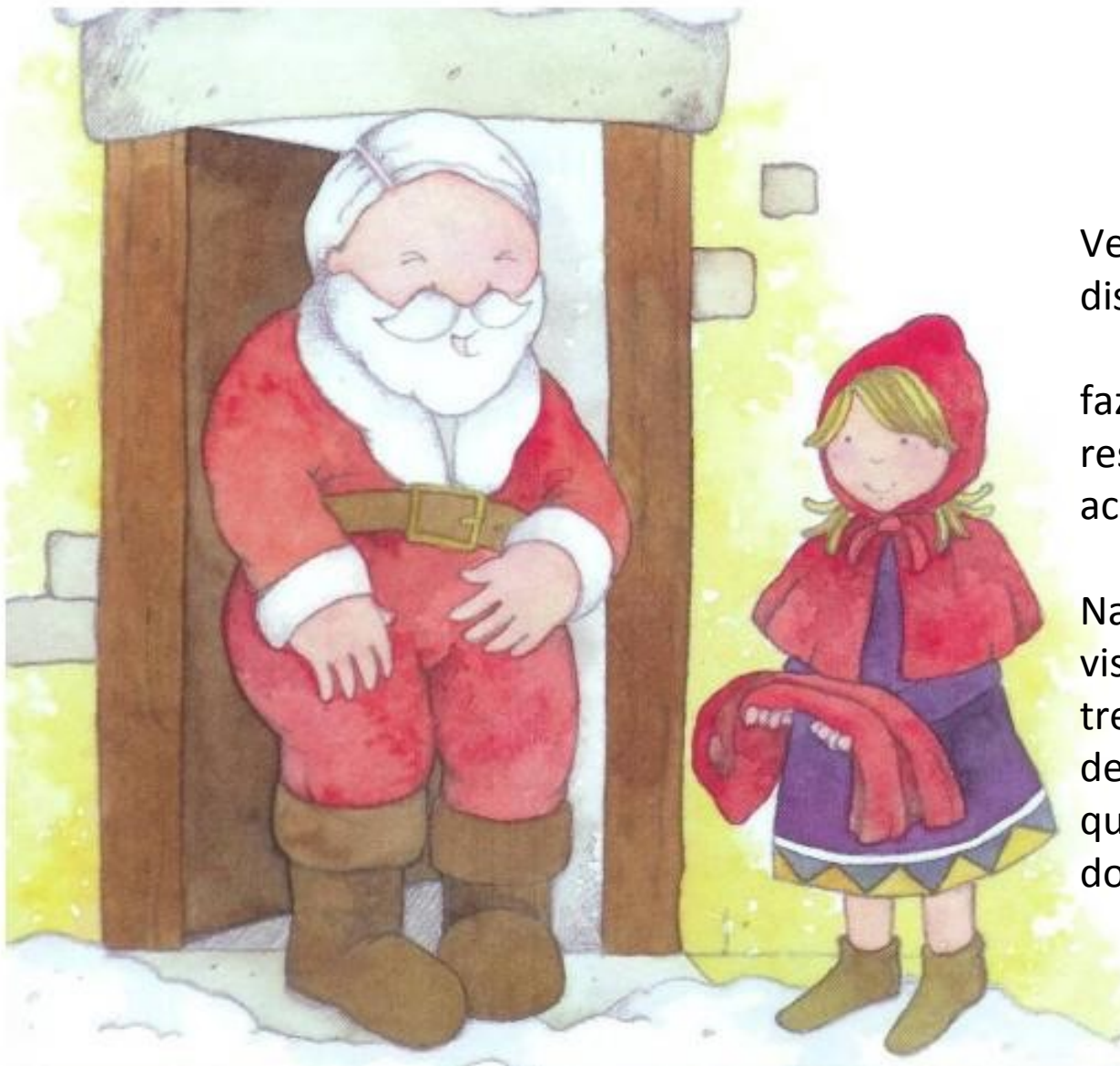
– Sou eu, Pai Natal, a Menina do Capuchinho Vermelho.

O Pai Natal abriu a porta e a sua visita ofereceu-lhe uma bonita capa vermelha com capucho.

– Ah, ah, ah, ah! – riu o Pai Natal.

– Onde está a graça? – perguntou, com certa irritação na voz, a Menina do Capuchinho Vermelho.

– É que eu sou muito bem constituído – respondeu o Pai Natal, que acrescentou: - Parece-me que esta capa não me vai servir.

Só para não desfreitear aquela menina simpática, o Pai Natal tentou embrulhar-se na capa. Mas esta mal lhe tapava os ombros, e não havia maneira de conseguir enfiar o capucho.

A Menina do Capuchinho Vermelho meneou a cabeça e disse:

– Pois olha, não era má ideia fazeres uma dieta. Podia ser a tua resolução para o Ano Novo. Que achas?

Todo comprometido, o Pai Natal ofereceu uma bebida à sua visita e dedicou-se a encerar o seu trenó, enquanto saboreava uma deliciosa chávena de chocolate quente com natas – receita típica do Pólo Norte.

Estava o Pai Natal a remendar o cobertor das suas renas quando se ouviu uma voz melodiosa a chamar:

– Pai Natal! Pai Nataaal!

O Pai Natal abriu a porta e deu com uma bela menina, muito mal vestida, e com um par de sapatinhos de cristal.

– Pai Natal, trago-te estes sapatinhos do mais fino cristal. Aceita esta prenda, que ta dou eu, a Gata Borralheira.

O Pai Natal deu uma gargalhada:

– Ah, ah, ah, ah!

E respondeu por fim, quando conseguiu controlar o riso:

– Querida menina, não se posso aceitar a tua prenda.

Tenho um calo no dedo grande do pé. Mas deixa-me experimentar.

O Pai Natal descalçou-se e tentou enfiar aqueles sapatos tão delicados.

Em vão.

Agradeceu à Gata Borralheira e disse-lhe:

– Mas entra, entra e toma uma bebida quente.

Depois de servir uma chávena de chocolate quentinho e delicioso à Gata Borralheira (sem natas, porque ela estava de dieta), o Pai Natal sentou-se junto das suas visitas e reparou que realmente tinha os pés em péssimo estado.

É que a neve do Pólo Norte queima mais do que o mais gélido coração.

A Menina do Capuchinho Vermelho, prestável como sempre, sugeriu à Gata Borralheira:

– Queres que te dê a morada da minha costureira? Parece-me que estás a precisar de um vestido novo. E, francamente, esses chinelos que trazes, nem servem para andar por casa.

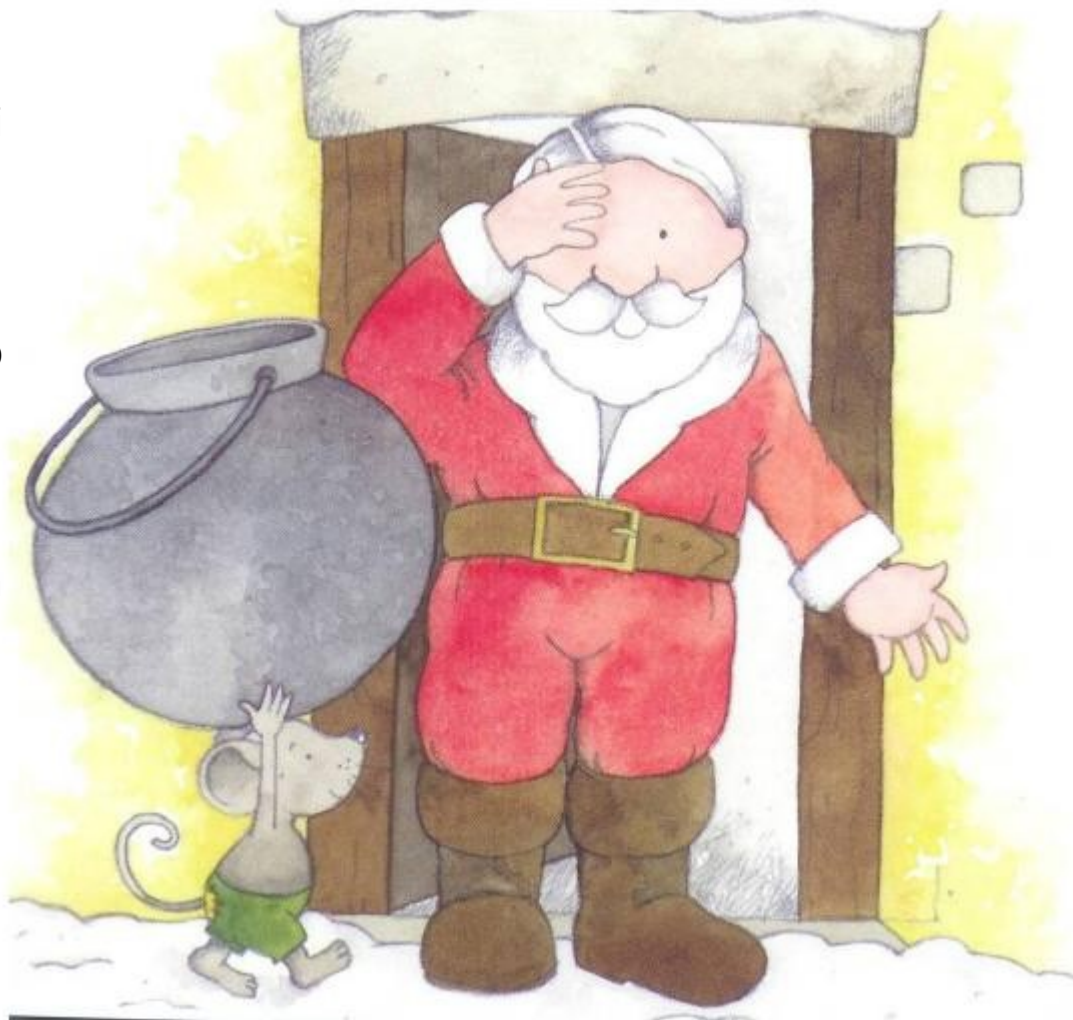
Bateram de novo à porta:

– Truz, truz, truz.

– Quem vem lá? – perguntou o Pai Natal.

Uma voz fina chiou:

– Sou eu o João Ratão. Venho oferecer-te um caldeirão. Pode…

– Alto, alto, alto… - disse o Pai Natal. E acrescentou: - Deixa-me abrir-te a porta.

Mal entrou, o João Ratão voltou a repetir:

– Eu sou o João Ratão e venho oferecer-te o caldeirão, para não cair na tentação.

O Pai Natal agradeceu ao João Ratão:

– Não posso aceitar a tua prenda. Só cozinho no micro-ondas. Mas agradeço-te a bonita acção.

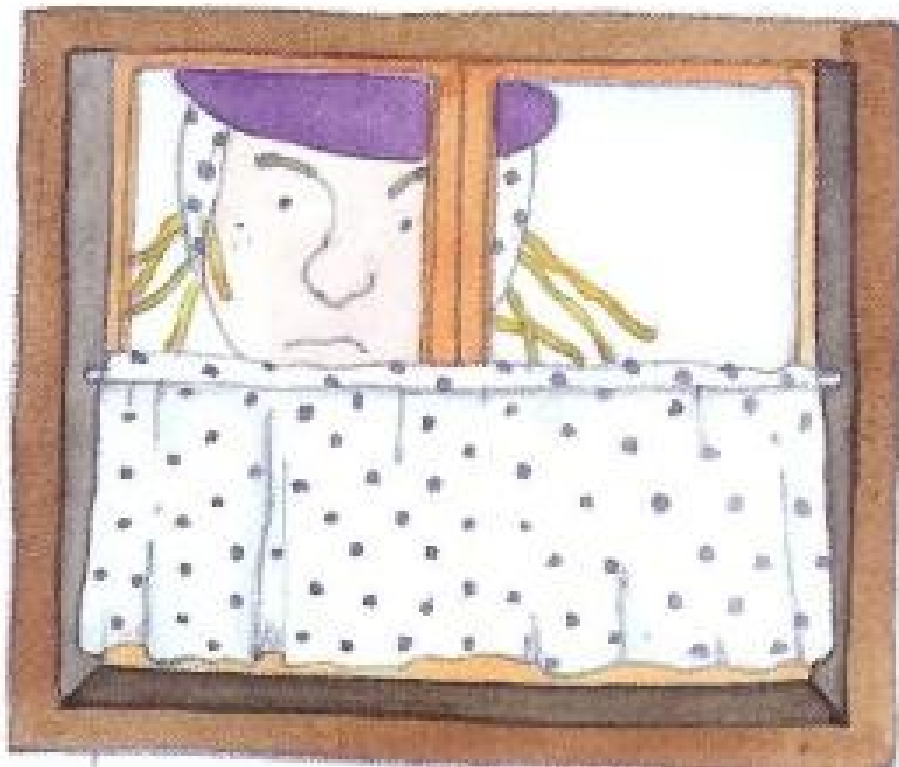
O João Ratão desandou, a murmurar:

– Francamente, sempre ouvi dizer que a caldeirão dado não se olha a asa.

Mas o Pai Natal, que não gostava de ver ninguém aborrecido, convidou:

– Ó amigo João Ratão, fica mais um pouquinho. Tenho aqui queijo de rena que é uma especialidade. Queres prová-lo?

Por falar em comida, o Pai Natal lembrou-se de que não tinha ainda preparado o jantar das suas renas.

Estava a cortar os legumes aos cubos, enquanto os seus três visitantes conversavam amenamente sentados à volta da lareira, quando viu um nariz comprido colado ao vidro da janela da sua cozinha.

– Toc, toc, toc – bateu o nariz no vidro.

O Pai Natal abriu a janela, cumprimentou a senhora idosa, de cabelo desgrenhado e roupas pretas e perguntou:

– Quer entrar, minha senhora?

Numa voz mais doce do que dez chupa-chupas, a velha senhora disse:

– Trago-lhe aqui umas prendas da minha casinha de chocolate. Ih, ih ih, ih… Espero que goste.

O Pai Natal convidou a amável velhinha a entrar e agradeceu-lhe muito a prenda; mas infelizmente, não podia aceitar, estava proibido pelo médico de comer doçarias.

– Mas não faz mal – consolou-a o Pai Natal.

Voltando-se para as suas visitas, disse:

– Talvez estes meus convidados apreciem chocolates e rebuçados e chupa-chupas de trinta centímetros.

Era essa a prenda da Senhora da Casinha de Chocolate.

– Chamo-me Bruxa, ó Natal – disse a velha senhora, e sentou-se à lareira com os outros convidados, olhando-os cheia de interesse dissimulado.

Voltou-se para a Gata Borralheira e disse:

– Ó filha, estás tão magrinha! Come, come chocolates, pequena.

O Pai Natal já começava a suspeitar que os seus novos convidados tinham vindo para uma ceia pós-natalícia. E ele que não tinha nada na arca congeladora.

Que arrelia!

– Ó de casa! Ó de casa! Pai Nataaal!

Estava alguém ao portão; não se conseguia ver quem era, porque a neve caía agora como pazadas de terra branca.

O Pai Natal fez sinal da janela para que avançasse e foi abrir a porta.

– Caro amigo, trago-lhe aqui um belo cacho de uvas. Estão muito madurinhas e são uma doçura!

Era a Raposa, que, na pressa de oferecer a prenda ao Pai Natal, tinha agarrado no primeiro cacho que lhe viera parar às mãos.

O Pai Natal, encantado por poder finalmente aceitar uma prenda, agradeceu à raposa e ofereceu as uvas aos seus amigos.

A Raposa foi a primeira a servir-se. Tirou do cacho uma uva redondinha e brilhante, trincou-a cheia de vontade e disse:

– Ui, estão verdes, não prestam. Quem diria que até tive de me pôr em cima de um escadote para as colher.

Risada geral.

– Não faz mal, querida Raposa, o que conta é a bonita intenção. – disse o Pai Natal.

Já se fazia tarde. O Pai Natal, que precisava de descanso da lufa-lufa dos últimos dias, sugeriu:

– Tenho todo o prazer em convidá-los a todos para uma modesta ceia. Talvez mais uma chávena de chocolate quentinho e umas fatias de queijo?

A Gata Borralheira perguntou com timidez:

– É meio-gordo?

E o Pai Natal compreendeu pela reacção dos restantes amigos, que todos tinham aceite o convite.

Estavaa pôr a mesa, quando se ouvir bater à porta:

– Truz, truz, truz.

Tão tarde já! Quem seria?

Uma voz rouca e grossa respondeu:

– Sou eu, o Lobo Mau.

O Pai Natal abriu a porta e deparou com o lobo todo molhado da neve que caía lá fora, carregando um grande saco preto.

– Venho oferecer-te este grande saco preto. Toma, é a tua prenda de Natal.

O Pai Natal não cabia em si de contente:

– Era mesmo do que eu estava a precisar, que o meu saco rebentou com o peso das prendas. Que ideia maravilhosa! Já posso fazer a entrega dos presentes no próximo ano.

O Lobo Mau entrou na casa do Pai Natal, depois de sacudir o seu belo pêlo, sentou-se à lareira a aquecer-se e olhou de soslaio para a Menina do Capuchinho Vermelho e para a Gata Borralheira.

Enquanto acabava de pôr a mesa, o Pai Natal perguntou ao Lobo Mau:

– Querido amigo, ficas para a ceia, não é verdade?

E o Lobo Mau aceitou e sussurrou à Capuchinho Vermelho e à Gata Borralheira:

– Pequenas, não se preocupem com o regresso a casa. Comigo, nada têm a recear!

Entretanto o Pai Natal não se fartava de exclamar como era útil a prenda que o Lobo Mau lhe dera, e como estava satisfeito.

Porém, quando reparou que a Menina do Capuchinho Vermelho, a Gata Borralheira, o João Ratão, a Bruxa e a Raposa pareciam um pouco comprometidos, acrescentou:

– Que prendas maravilhosas, digo eu. Todas elas. E principalmente da vossa companhia, meus amigos.

Caiu-lhe pela face rosada um lagriminha, que se veio dependurar, a marota, das suas barbas compridas.

Mas ninguém se importou: o Pai Natal tem a lágrima fácil e o coração grande.